



Oculum Ensaaios

ISSN: 1519-7727

sbi.ne_oculumensaios@puc-campinas.edu.br

Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Brasil

BARBOSA DA SILVA, GIVALDO; DOS SANTOS, ANTONIO CARLOS
A SUSTENTABILIDADE NA CIDADE: UMA LEITURA DA IMAGEM URBANA A PARTIR DA ORLA DE
PROPRIÁ, SERGIPE

Oculum Ensaaios, vol. 11, núm. 1, enero-junio, 2014, pp. 137-153

Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Campinas, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=351732218009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A SUSTENTABILIDADE NA CIDADE: UMA LEITURA DA IMAGEM URBANA A PARTIR DA ORLA DE PROPRIÁ, SERGIPE

CITY SUSTAINABILITY: AN URBAN IMAGE ANALYSIS OF THE RIVERBANKS OF PROPRIA, SERGIPE, BRAZIL | LA SUSTENTABILIDAD EN LA CIUDAD: UNA LECTURA DE LA IMAGEN URBANA PARTIENDO DE LA CIUDAD DE PROPRIÁ, SERGIPE, BRASIL

GIVALDO BARBOSA DA SILVA, ANTONIO CARLOS DOS SANTOS

RESUMO

O objetivo deste artigo é contribuir para a reflexão de como a leitura da imagem urbana pode ser útil à elaboração de planos e projetos de requalificação urbana para a construção de ambientes citadinos mais sustentáveis, a partir da conjugação básica de dois procedimentos metodológicos. O foco desta análise é a intervenção de orlas ribeirinhas em projetos de requalificação urbana; de modo particular, a Orla Ribeirinha do Município de Propriá, estado de Sergipe, situada às margens do Rio São Francisco. Primeiramente, analisa-se a importância da leitura da imagem para a sustentabilidade urbana, seguido de uma breve apresentação das metodologias adotadas. Em segundo lugar, discutem-se os dois métodos de leitura da imagem que serviram de base para a pesquisa: o Método de Análise Imagética, desenvolvido por Kevin Lynch, e o Método Semiótico de Percepção Ambiental, apresentado por Lucrécia D'Alessio Ferrara. Em seguida, examina-se a aplicação dos métodos para a construção de um diagnóstico parcial. Por último, as considerações finais apresentam diretrizes para pensar e intervir na realidade territorial desses ambientes de forma mais sustentável.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem urbana. Métodos de leitura da imagem. Orla ribeirinha. Sustentabilidade urbana.

ABSTRACT

The aim of this paper was to analyze the methodological procedures for the construction of more sustainable urban environments. The focus of this analysis is the intervention of urban regeneration projects along the riverbanks, particularly along the banks of the São Francisco river in the municipality of Propriá in the state of Sergipe. First, we analyze the importance of image analysis for urban sustainability, which is followed by a short description of the methods used. Second, we discuss the two following methods for image analysis: Image Analysis Method developed by Kevin Lynch; and the Semiotic Method for Environmental Perception by Lucrecia D'Alessio Ferrara. Then we analyzed the application of the methods for the development of a

partial diagnosis. Finally, the final considerations provide guidelines for developing a more sustainable reality of these environments.

KEYWORDS: *Urban image. Methods for image analysis. Riverbanks. Urban sustainability.*

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es contribuir a la reflexión de cómo la lectura de la imagen urbana puede ser útil para la elaboración de planes y proyectos de renovación urbana para construir ambientes ciudadanos más sostenibles, partiendo de la combinación de dos procedimientos metodológicos básicos. El objetivo de este análisis es la intervención de los bordes de los proyectos de regeneración urbana de ribera, especialmente en la ciudad de Propriá, Estado de Sergipe, situado en las márgenes del Río São Francisco. Primeramente, la importancia de la lectura de la imagen para la sostenibilidad urbana es analizada, seguida de una breve presentación de la metodología adoptada. Después, los dos métodos de lectura de la imagen que sirvieron de base para la investigación son discutidos, el Método de Análisis de Imágenes, desarrollado por Kevin Lynch, y el Método Semiótico de la Percepción Ambiental, presentado por Lucrezia D'Alessio Ferrara. A continuación, la aplicación de métodos para construcción de un diagnóstico parcial es discutida. Por fin, las consideraciones finales presentan directrices para pensar e intervenir en la realidad de estos ambientes más sostenibles.

PALABRAS CLAVE: *Imagen urbana. Método de análisis de imágenes. Márgenes de ríos. Sustentabilidad urbana.*

INTRODUÇÃO

Com a Constituição de 1988, o Governo Federal desobrigou-se das políticas públicas locais, fazendo com que os municípios passassem a elaborar estratégias próprias de desenvolvimento. Nesse sentido, inúmeras experiências foram desenvolvidas na tentativa de se formar uma nova “imagem” da cidade como forma de destaque no competitivo mundo globalizado e, assim, garantir investimentos. “Os atributos ambientais, culturais e históricos das cidades passaram a ser tratados de modo privilegiado como base das especificidades locais” (Lapa & Zancheti, 2002, p.35).

Diante desta nova conjuntura, alguns dos importantes centros brasileiros (Salvador, Recife, Rio de Janeiro, São Luiz) desenvolveram projetos voltados para a revitalização de áreas urbanas consolidadas ou históricas, que, entretanto, seguiram conceitos internacionais dentro do processo conhecido por *gentrificação*¹.

Em Sergipe, no início dos 1990, a orla marítima da capital e seu centro comercial (assumindo valores históricos) passaram por profundas transformações que se desenrolaram em diversas etapas ao longo de praticamente uma década. Esses projetos, de grande impacto no âmbito estadual, desdobraram-se em uma série de outras intervenções. Em uma primeira etapa, algumas localidades litorâneas foram alvo da reforma de suas orlas, seguindo

os mesmos padrões estéticos arquitetônicos da capital. Posteriormente, esses projetos expandiram-se para cidades localizadas às margens do Rio São Francisco e incorporaram a mesma visão turística, com a reconfiguração das orlas ribeirinhas e, na maioria dos casos, com a adoção de valores estéticos espaciais estranhos ao lugar.

Após mais de uma década, novamente os olhares se voltam para a capital sergipana, especificamente seu centro, que deve, nos próximos meses, ser o palco de estudos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no sentido de finalmente se delimitar seu núcleo histórico para tombamento e, provavelmente, a implementação de novos projetos de requalificação urbana.

Assim, o objetivo deste texto é analisar o resultado de uma pesquisa, concluída no ano de 2012, sobre a orla ribeirinha do município de Propriá², que teve como premissa aplicar duas metodologias³ que permitiram associar e introduzir, ao conceito destes programas de requalificação paisagística, uma interação entre técnica e saberes locais, baseada na percepção ambiental dos moradores. Este estudo pretende ampliar o diálogo em torno destas questões que ressurgem, contribuindo para a tomada de decisões políticas e técnicas, tendo como dados novos parâmetros de percepção urbana com a aproximação entre o poder público e a população.

Pode ser entendido também como integrante de pesquisas que abordam a identificação patrimonial do Brasil, em especial as que se debruçam sobre a paisagem cultural do sertão e semiárido nordestino, com a adição de estudos do patrimônio ambiental e imaterial, em consonância com os novos parâmetros disciplinares da Conservação Urbana Integrada, encontrados em pesquisas amplamente desenvolvidas pelo Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada (CECI), com sede em Olinda (PE).

Esses novos parâmetros incorporam as contribuições teóricas e práticas mais consolidadas das metodologias da conservação e do restauro, com as novas diretrizes do desenvolvimento sustentável, que “Restabeleceu a visão de longo prazo e enfatizou a importância do planejamento multidimensional da cidade” (Zancheti, 2002, p.81).

A conservação integrada é um princípio fundamental para a conceituação do desenvolvimento sustentável urbano, especialmente porque restabelece a cidade como um artefato histórico-cultural que estabelece o nexos entre as gerações. Nesse sentido, a cultura aparece como uma dimensão de mesma importância que a economia e a política, em qualquer estratégia de implantação de políticas de desenvolvimento sustentável (Zancheti, 2002, p.83).

A pesquisa visa a contribuir para a reflexão de como a leitura da imagem urbana pode ser útil para a elaboração de planos e projetos de requalificação urbana e a interpretação patrimonial de bens materiais imóveis que ainda não foram incluídos em listas de proteção ou tutela, dentro do ideário da sustentabilidade.

No município de Propriá, a faixa urbana limite com o Rio São Francisco, ou seja, sua orla ribeirinha urbana (Figura 1), hoje intensamente utilizada pela comunidade, carente de outras áreas para atividades de lazer, apresenta elevado processo de degradação ambiental e paisagística, com precária rede de infraestrutura. Ao longo das últimas décadas, esta área sofreu uma sobreposição de intervenções urbanísticas e arquitetônicas, por parte do poder público, que descaracterizaram o lugar, interferindo sobremaneira no espaço como referência na memória dos moradores.

Esse trecho urbano — área de estudo —, estende-se por uma faixa de aproximadamente 3km lineares, indo desde o início da ponte que faz ligação com o estado de Alagoas, no extremo Sul, até o início da rodovia de acesso ao município de Telha, no extremo Norte. Além deste limite, as características passam a ser de área rural, fugindo do tema central da pesquisa. No sentido paralelo ao curso do Rio São Francisco, o limite estabelecido abrangeu até a primeira via de circulação de veículos.

A orla ribeirinha é importante não só enquanto elemento físico urbano, mas também pelo seu caráter de fragilidade ambiental e destaque na vida econômica e cultural do município, além de representar uma tênue área de transição entre o urbano e o natural, onde o equilíbrio das condições ambientais é fundamental.



FIGURA 1 – Vista Panorâmica da Orla de Propriá.

Fonte: Arquivo pessoal (2011).

LEITURA DA IMAGEM E SUSTENTABILIDADE URBANA

Toda cidade está impregnada de significados e memória, que são construídos a partir da relação espaço/indivíduo. Desta forma, os lugares possuem a capacidade de transmitir mensagens, sensações, que são captadas pelos sentidos humanos e resultam em juízos de utilização dos mesmos (Leite, 2004). Compreender o espaço urbano implica compreender a sociedade que o contém e sua influência mútua.

Apreender o espaço exige um caminhar por níveis de conhecimento distintos, com o envolvimento entre o senso comum e o conhecimento científico. Só o encontro entre estes produtos diferentes poderá conferir legitimidade a esta tarefa, segundo Kohlsdorf (1996, p.52):

Tanto os estudiosos quanto os técnicos utilizam-se tradicionalmente de teorias e representações do espaço que não pertencem ao senso comum (próprio aos demais agentes), e desenvolvem análises, avaliações e projetos segundo certo código profissional restrito. Entretanto, suas decisões vão construir espaços reais, que serão lidos e apropriados por seus usuários segundo o modo de conhecimento sensível. Por isso, pesquisadores e técnicos precisam saber ver e expressar os lugares também por meio das categorias do saber empírico.

Como em todo organismo dinâmico, as cidades responderam a estes planos por meio de seus atores sociais, conformando reações materializadas em reorganizações espaciais, bem ou mal adequadas ao meio ambiente, retratando morfologicamente os anseios de seus indivíduos. Os resultados, na maioria das vezes, são contraditórios e, na verdade, expressam a inversão de compromissos entre os principais agentes institucionais responsáveis pela formação do espaço urbano. Cabe agora caminhar para novos processos de formação e compreensão do espaço urbano, reincorporando elementos do cotidiano e a cidade como um tipo de espaço produzido e utilizado pelas ações humanas. Nesse sentido, a leitura da imagem urbana pode significar uma metodologia enriquecedora na busca por cidades mais sustentáveis.

Espaços urbanos oferecem uma série de informações, que na verdade correspondem às expectativas e aos anseios e se traduzem em aspectos funcionais, térmicos, acústicos, de orientação e apropriação, podendo ser avaliados segundo seu desempenho (Carlos, 2004).

Ferrara (1999) destaca as questões da imagem urbana e resume em três aspectos fundamentais para sua compreensão: visibilidade, legibilidade e funcionalidade. A visibilidade está notadamente associada a uma questão orgânica no campo visual, ou seja, à visão como sentido hegemônico na percepção urbana. Assim, poderá uma rápida visada decodificar o espaço em um conjunto de pontos identificáveis. A legibilidade refere-se à possibilidade de decodificação do espaço em imagens ou elementos significativos de leitura. Por último, a funcionalidade está associada a uma espacialidade das formas físicas, de como se

organizam, possibilitando formas de uso distintas pelos usuários, que podem deslocar-se mais facilmente ou com dificuldade, facilitar a reunião ou dispersão, dentre outros.

Lynch (1990) pensa a imagem do ambiente em três elementos distintos: a *identidade* como capacidade do espaço de distinguir-se, ter individualidade; a *estrutura* como a interação espacial do meio com os usuários e outros espaços; e o *significado*, que confere ao espaço a possibilidade de estabelecer uma relação prática ou emocional para com o observador/usuário. Todas essas estruturações, no sentido de se apreender a imagem urbana, consideram a cidade como um organismo vivo, como um fenômeno social, e requerem movimentos de reflexão. Por conseguinte, nunca se obterá uma leitura completa, fechada, mas momentos de compreensão.

Carneiro e Milet (2002) definem a imagem como um instrumento para a interpretação da paisagem e atribuem a esta uma aplicação prática na melhoria do espaço urbano.

Os estudos relacionados à sustentabilidade, mais especificamente a sustentabilidade urbana, tornam-se cada vez mais complexos na medida em que este conceito vem sendo aprofundado e confrontado com a dinâmica do espaço citadino. Tais questões precisam estar presentes na pauta das políticas públicas e na gestão de cidades, na premissa do amplo debate democrático e, conseqüentemente, na possibilidade de os indivíduos influenciarem nas decisões que dizem respeito à coletividade.

Por ser um sistema complexo e aberto, a cidade e sua sustentabilidade é um conceito em constante transformação. Das várias dimensões que compõem essa temática cabe destacar três aspectos, que, de certa forma, resumem essa questão: uma primeira matriz discursiva aborda a sustentabilidade urbana sob a perspectiva energética e de materiais e suas interações com a sociedade e direciona suas ações para uma cidade menos consumidora; uma segunda linha aponta no sentido da sustentabilidade como processo de humanização da cidade, priorizando todos os elementos que elevem a qualidade de vida urbana⁴; e o terceiro aspecto, que aparece como tema central, é o que favorece a dimensão política da cidade, e está associado à capacidade do poder público de desenvolver estratégias para equacionar os conflitos sociais e a distribuição de recursos para a manutenção equilibrada da cidade (Zancheti, 2002).

Nas últimas décadas, a temática da sustentabilidade urbana vem tomando espaço na pauta de inúmeros pesquisadores, na tentativa de se entender a complexa rede de interações que compõem esse tema. Nesse sentido, a Conservação Urbana Integrada, que mais se aproxima dos aspectos de sustentabilidade humana e política da cidade apresentados anteriormente, adota uma metodologia abrangente de reconhecimento da área de estudo, segundo suas características geográficas, históricas, tipológicas, de percepção dos usuários, entre outras.

A partir desse trabalho é possível realizar a identificação da área dentro de um contexto de território histórico e cultural, hoje fortemente influenciada pelas questões ambientais (Lapa & Zancheti, 2002).

A Conservação Urbana Integrada trata de métodos de pesquisa — histórico-documental, de levantamentos, exploratórios *in situ* etc. —, que podem ser aplicados/conjugados com outros métodos de características mais compartilhadas com os usuários do lugar.

É dentro dessa perspectiva que se insere o estudo aqui descrito, que se utiliza apenas de metodologias participativas, sob o lastro conceitual da Conservação Urbana Integrada, sem, no entanto, perder de vista sua abrangência pontual, e que deverá ser enriquecido por outras dimensões, abrindo espaço para desdobramentos futuros de pesquisa.

MÉTODOS

A pesquisa foi estruturada na conjugação básica de dois métodos, na tentativa de se proceder a uma análise mais completa do problema em questão. O Método de Análise Imagética (doravante denominado método 1) trabalha no sentido de permitir que esquemas ou mapas mentais se constituam em estruturas que orientem a leitura da imagem da cidade, no sentido de permitir o reconhecimento dos seus pontos significativos.

O Método Semiótico de Percepção Ambiental (doravante denominado método 2) adota a fotografia como linguagem, como um sistema de representação de imagens — índices espontâneos de percepção ambiental —, que se concretizam em informação.

O método 1 foi apresentado por Kevin Lynch na década de 1960, quando fez a análise de três cidades norte-americanas — Boston, *New Jersey* e Los Angeles —, publicada no livro “*A imagem da cidade*”. O pesquisador sugere um método apoiado nas memórias e significações que os cidadãos possuem em relação à imagem de partes da cidade com a qual mantêm relação. Neste sentido, defende a tese de que uma cidade legível “Pode ser compreendida visualmente como uma estrutura de símbolos reconhecíveis” (Lynch, 1990, p. 13), imagens que, se suficientemente claras, permitem ao indivíduo não só deslocar-se rápida e facilmente, mas também servem de base para o crescimento pessoal e social.

Apresenta cinco componentes que conformam a imagem da cidade: vias, limites, bairros, pontos focais ou cruzamentos e marcos visuais. A metodologia tem por objetivo identificar quais são os tipos e elementos principais de uma determinada área urbana, como se organizam e qual a contribuição que eles desempenham para a identidade do lugar, a partir dos moradores e usuários locais. Desta forma, conduz a uma forma prática de se deduzir qual a imagem pública de uma área qualquer. O método consiste basicamente em aplicar uma entrevista a um grupo de moradores e pedir a execução de um esboço do espaço estudado.

O método 2, desenvolvido e apresentado por Lucrecia D’Alessio Ferrara na obra “*Olhar Periférico*”, cuja primeira edição data do ano de 1993, toma por base fotografias tiradas por moradores usuários do local pesquisado, tratando-as como signos representativos da percepção ambiental.

Segundo Ferrara (1999, p. 107), a imagem urbana e sua representação são construídas no dia a dia, como uma informação vivenciada. No entanto, esta imagem está submetida

a um contexto urbano produzido; além disso, “Altera-se conforme as características socio-culturais e informativas (repertório) do morador da cidade e submete-se às características físicas, econômicas e de infra-estrutura do próprio espaço urbano”.

Com isso, esta imagem processa-se de forma não estanque ou rígida, mas dinâmica e seletiva. Captar essa representação significa submetê-la a valores relacionados a um repertório cultural e individual, indicando que esta percepção urbana torna-se localizada, ambiental. Logo, a percepção ambiental deve gerar conhecimento a partir das informações retidas nos usos e hábitos que constituem a manifestação concreta do lugar urbano.

Esta compreensão permite desenvolver uma estratégia de pesquisa que, segundo Ferrara (1999, p.107), proporciona “Captar a representação urbana construída diariamente pelo homem, porém, a partir da própria seleção que ele é capaz de fazer dessa imagem”. Desta forma, admitindo-se que esta representação e percepção configura-se como uma ação não linear, a técnica a ser desenvolvida para sua captação deve contemplar uma lógica além da verbal. Assim, a fotografia realizada pelos próprios moradores mostra-se uma alternativa capaz de apreender a percepção e a seleção da imagem urbana.

O método opera com as imagens/índices das relações sociais no espaço, escolhidas pelo próprio usuário urbano por meio das cenas fotografadas. Desta forma, a associação entre essas imagens, que sinaliza para o cerne da relação entre o sujeito e o objeto registrado, proporciona o desejável caráter científico ao método adotado, com a apresentação de três instrumentos básicos de controle: contextualização, observação e atenção. A contextualização importa no primeiro esforço do pesquisador em clarificar o lugar urbano, sua estrutura, seus elementos constitutivos e as manifestações do usuário neste espaço; a observação refere-se à ação do pesquisador em captar e associar as imagens registradas ao local pesquisado; a atenção é o controle metodológico, derivado da observação, que torna possível o resgate da regularidade dos sinais e a generalização.

O uso da fotografia refere-se a um caráter operacional para flagrar índices de percepção ambiental, descartando-se qualquer valor artístico dos mesmos, e deve obedecer a temas previamente estabelecidos de forma a haver um controle dessa produção, direcionando-a para questões relacionadas ao cotidiano urbano. Com isso, tornam-se possíveis generalizações como formas de percepção ambiental, além de proporcionar a possibilidade de comparação⁵.

APLICAÇÃO DO MÉTODO 1

Para a escolha dos moradores entrevistados, teve-se a preocupação em montar um grupo (50 pessoas) que confirmasse a necessária vivência ambiental e, consequentemente, obter consistência nas respostas. Assim, a faixa etária variou entre 15 e 45 anos de idade, sendo que 96% do total morava há mais de cinco anos no município.

A primeira etapa do método I versou sobre um conjunto de questões que se voltaram especificamente à obtenção de qual imagem a população tinha da orla ribeirinha e os desdobramentos desta impressão, a partir de uma entrevista escrita.

Primeiramente, ao se perguntar qual associação é feita ao espaço orla, 100% das respostas identificaram o espaço com lazer e divertimento e reafirmaram a importância dos bares e quiosques como elementos marcantes de confirmação deste entendimento, acentuando uma visão limitada do espaço.

Em seguida, a análise foi direcionada para a identificação dos elementos que caracterizam a orla. Em um resumo geral, 74,1% dos entrevistados citaram ao menos um elemento, enquanto 25,9% não fizeram nenhum tipo de associação. Foram citados 12 elementos distintos em 41 citações — que equivalem ao total de 100,0% —, apresentados em ordem decrescente: Bares (37,2%), Mirante (14,6%), Rio São Francisco (9,7%), Muro de Proteção — entre a faixa de areia e a rua (7,3%), Bar Mangaba (4,8%), Bar Beira Rio (4,8%), Porto das Balsas (4,8%), Mercado do Peixe (4,8%), Quiosques de Lazer (4,8%), Calçada — limite com o muro (2,4%), Praças (2,4%), Escadaria — acesso a faixa de areia (2,4%).

Questionados sobre os elementos do passado, que desapareceram em função das sucessivas reformas implantadas na área, mas que poderiam ser resgatados em planos futuros, as respostas foram agrupadas da seguinte forma: Antiga Balaustrada — com elementos decorativos (25,9%), Bar Mangaba —, atualmente desativado (22,2%), Antigos Encontros — reuniões frequentes nas calçadas da Orla (14,8%), Clube Cavaleiros da Noite —, desativado (3,7%), Não fizeram referência (33,4%).

Desses dados, ressalta-se o grande percentual de pessoas que perderam qualquer tipo de referência ao passado — e isto não pode ser justificado pela faixa etária dos entrevistados, uma vez que, a maioria destes apresentava idade superior a 25 anos. No entanto, dos elementos físicos citados todos se encontravam na área próxima ao Mirante e Bares, comprovando a centralidade deste trecho, que é importante dentro do cenário cultural e recreativo do município.

A questão seguinte subdividia-se em uma primeira pergunta na qual se indagava sobre a importância do rio. Nesse sentido, 100,00% das respostas afirmaram que o Rio São Francisco era importante para a vida dos entrevistados, sendo identificados quatro tipos diferentes de justificativas para a pergunta: Recurso Natural — abastecimento d'água (48,3%), Recurso Financeiro —, fonte de renda (33,3%), Importância Paisagística (14,9%), Importância na Memória — nostalgia de um passado vivido (3,7%). Observou-se, assim, que a grande maioria das pessoas tem uma visão prática/utilitária/exploratória do rio, apresentando um distanciamento enquanto elemento natural a ser preservado.

Na parte da entrevista relacionada à confecção dos mapas mentais, 85% dos entrevistados confeccionaram mapas com informações suficientes para a elaboração das análises; 11% desenharam mapas rudimentares que puderam ser parcialmente analisados e apenas 4% recusaram-se a fazer qualquer tipo de representação gráfica.

Da análise dos mapas mentais puderam ser extraídos quatro tipos de dados distintos: a delimitação da área, os elementos mais representativos de visualização, os marcos visuais da orla e a área de maior significância, representada com mais detalhes.

O estudo de todos esses aspectos confirmou que os moradores têm uma visão parcial do que seja a orla ribeirinha, ou seja, o espaço central na circunvizinhança dos bares e comércio. Ao mesmo tempo, esta região tem um enorme valor no imaginário coletivo: cerca de 75% dos mapas mentais têm elementos físicos deste trecho, a exemplo dos pátios, dos próprios bares e edificações mais antigas. Esta centralidade está efetivamente incorporada ao imaginário da população como sendo a orla propriamente dita. Elementos mais distantes deste local, como as antigas fábricas e suas chaminés, foram representados em apenas 2% dos mapas.

DIAGNÓSTICO DO MÉTODO 1

Foram identificados dois elementos principais: a) o limite da área, ou seja, qual a extensão territorial que significa a orla para os moradores; b) os elementos marcantes ou os marcos referenciais urbanos. Esses elementos foram analisados comparativamente de acordo com o grau de incidência encontrado nos dois procedimentos.

Analizando-se tanto os elementos citados nas entrevistas, quanto os representados nos mapas mentais, percebe-se que a região circunvizinha ao Mirante representa o intervalo que define o que seja a orla para os moradores.

Quanto aos elementos mais marcantes, destacam-se nas entrevistas verbais os bares da orla, com 37,0% de citações, e o Mirante, com 14,6%. Nos mapas mentais houve destaque também para os bares, com 16,0%, o rio, com 16,0%, e o Mirante, com 15,0% das representações; os demais elementos em ambos os procedimentos apresentaram incidência abaixo de 10,0%.

Torna-se evidente que a região entre os bares da orla e a Prainha (região dos quiosques — Figura 2) concentra a maioria dos elementos identificados, ratificando a impor-



FIGURA 2 — Região da Prainha — Para os moradores o que representa a Orla pelo método 1.
Fonte: Arquivo pessoal (2011).

tância deste local no imaginário dos entrevistados, com todos os seus componentes urbanos apresentando diferentes níveis de legibilidade, mas claramente presentes nas imagens cotidianas capturadas por este método.

APLICAÇÃO DO MÉTODO 2

As imagens foram classificadas em “temas” na tentativa de aproximação com os mesmos parâmetros de identificação investigados no método de análise imagética (método 1), no intuito de possibilitar uma comparação entre os dois. Os temas foram apresentados e as fotos tiradas de forma livre pelos entrevistados (50 pessoas), com os seguintes resultados:

CENAS OU ELEMENTOS QUE REPRESENTAM O QUE SERIA “ORLA”

Foi identificado que 40% das fotos deste tema giravam em torno de jogos esportivos, outros 40% relacionavam-se a bares e quiosques, 13% ao Mirante e 7% ao rio. Nota-se, assim, a associação da orla às questões ligadas ao lazer esportivo e como esta prática faz parte do cotidiano, bem como os bares que, mesmo funcionando de forma rudimentar, ainda aparecem como única alternativa de diversão, principalmente para os adultos.

A classificação das fotos pode ser identificada da seguinte forma: as tomadas mais numerosas são aquelas com enfoque direto descritivo, nas quais aparecem em close fachadas de construções/bares (Figura 3) e personagens e ações de lazer em desenvolvimento.

Todas as fotos foram de imagens externas, a maioria abrangendo grandes planos. Apesar de não aparecer como elemento principal registrado, o rio aparece como pano de fundo para cerca de 60% das fotos.

No que tange a este tema, pode-se considerar que o lazer esportivo e os equipamentos de bares são para os moradores os elementos principais desta matriz perceptiva ambiental, com o rio permeando, mesmo que inconscientemente, esta apreensão.



FIGURA 3 – Tema Orla —
Bar Mangaba.
Fonte: Arquivo
pessoal (2011).

CENAS OU ELEMENTOS QUE REMETEM À “MEMÓRIA”

Para este tema foram identificados seis índices de percepção urbana, distribuídos da seguinte forma: Casario Antigo (25%), Antigas Fábricas (25%), Rio (18%), Mirante (13%), Muro de Proteção (13%) e Bar Mangaba (6%).

Os registros mais expressivos referem-se a fotos nas quais aparecem em close fachadas de construções, casas antigas, velhas fábricas e marcos arquitetônicos (Figura 4), procurando ressaltar o porte edificado destas, conferindo-lhes um valor a mais que o de relíquia arquitetônica: o de referencial urbano.

Desta forma, pode-se concluir que, para os moradores, o tema memória é percebido e traduzido nos seus marcos edificados antigos, construções que remetem a uma época de glória da cidade e destaque na região do Baixo São Francisco.

CENAS OU ASPECTOS POSITIVOS IDENTIFICADOS NA ORLA

Na análise deste tema foram identificados seis índices de percepção urbana, sendo: Rio (50%), Casario Antigo (18%), Antigas Fábricas (14%), Praças e Áreas Verdes Urbanas (6%), Bar Beira Rio (6%) e Muro de Proteção (6%).

Esses dados indicam a importância do Rio São Francisco com relação à sua preservação. Vale salientar que as constantes e atuais campanhas ligadas à problemática de transposição do rio podem estar influenciando os moradores; no entanto, este índice está



FIGURA 4 – Tema Memória — Mirante.
Fonte: Arquivo pessoal (2011).

presente praticamente em todos os temas trabalhados. Em segundo e terceiro lugar, aparecem os índices ligados às construções antigas (Figura 5) que, somados, perfazem 32%, um percentual que comprova e reforça a análise do tema anterior, com a importância que as construções do passado desempenham para os moradores locais.



FIGURA 5 – Tema Cenas / Aspectos Positivos — Casario.
Fonte: Arquivo pessoal (2011).

As fotos relacionadas a este tema foram classificadas basicamente em dois tipos: o primeiro girou, em sua maioria, em torno do rio, que aparece flagrado em conjunto com outros elementos, a exemplo das margens vegetizadas ou com a ponte ao fundo; refletem um sentimento de associação do elemento principal (rio) com outros, numa forma de interdependência. O segundo tipo refere-se principalmente às fachadas das construções, em close, semelhantes às reveladas para o tema anterior.

Assim, a questão da preservação aparece para os moradores como personificação do Rio São Francisco, mas não de forma isolada, e sim em conjunto com outros elementos complementares que lhe conferem um valor de sistema a ser preservado. De forma paralela, aparecem as antigas construções reforçando a ideia do tema anterior, com a associação de memória/conservação para esses marcos arquitetônicos.

CENAS OU ASPECTOS NEGATIVOS IDENTIFICADOS NA ORLA

Quase metade das fotos reveladas deste tema, 46%, giraram em torno das antigas fábricas; 34% referiram-se à poluição (Figura 6), seja ela ambiental ou visual, e 20% situaram-se especificamente com relação ao extinto Bar Mangaba. O tema foi interpretado pelos entrevistados como a identificação dos elementos que estão sendo destruídos pela ação

FIGURA 6 — Tema Cenas /
Aspectos Negativos —
Poluição do Rio.
Fonte: Arquivo
pessoal (2011).



direta do homem ou pelo fator oposto, o seu descaso. Este quadro esclarece os principais focos de atenção da população relacionados a este tema.

O primeiro deles fecha e conclui a importância das antigas fábricas para o morador local, enquanto valor histórico — memória, arquitetônico —, e de preservação, e a consciência do descaso com relação à manutenção desses espaços e sua consequente degradação/destruição.

Outra parcela de entrevistados associou o tema à poluição. Neste caso, destacam-se dois aspectos: 1) os relacionados à poluição ambiental, com retratação de cenas de lixo e esgotos sanitários sendo jogados no rio; e 2) os relacionados à poluição visual, retratando a superposição de elementos de mobiliário urbano e outros que impedem ou dificultam a ampla visão do rio e sua paisagem.

Por fim, um terceiro grupo associou o tema a um aspecto mais nostálgico, ao retratar as ruínas do Bar Mangaba, fazendo referência a uma época de grande movimentação cultural que desapareceu.

O enfoque conferido a este tema pelos moradores deu-se de forma praticamente homogênea; são cenas de áreas degradadas pelo depósito de lixo nas margens dos rios, ou a construção indevida de edificações que impedem a visualização do rio ou, ainda, as antigas fábricas e suas chaminés em adiantado estado de deterioração em locais ermos da cidade.

CENAS OU ELEMENTOS QUE POSSAM IDENTIFICAR UM “BOM AMBIENTE”

Para este tema, foi identificado apenas um índice de percepção urbana: o Rio São Francisco. Os registros fotográficos, no entanto, não aparecem de forma homogênea, uma vez que grandes planos visuais incorporam a paisagem do rio a outros elementos, tais como suas margens com vegetação ou a ponte (Figura 7).

A maioria das fotos refere-se a um enfoque no qual o rio aparece dividindo espaço com áreas de terra firme; algumas incluem trechos urbanos, como o muro de contenção



FIGURA 7 – Tema Bom Ambiente.
Fonte: Arquivo pessoal (2011).

com rampa de acesso ou a ponte ao fundo. Em um segundo e menor grupo aparece exclusivamente o rio em close.

Desta forma, pode-se concluir que, para os moradores, o tema é percebido ainda de forma bucólica, materializado exclusivamente na imagem do Rio São Francisco e suas belas paisagens.

DIAGNÓSTICO DO MÉTODO 2

Quando analisado de forma conjunta, o resultado das fotos dos temas proporciona uma nítida visão da imagem da orla a partir desses registros.

Primeiramente, pode-se investigar os registros na tentativa de se determinar um limite, um intervalo espacial que traduza o que seja a orla para os moradores; assim sendo, observa-se que cerca de 70% de todas as fotos foram tiradas na área compreendida entre os quiosques da Prainha e a região do comércio central.

Esta ideia é reforçada quando analisados os dois primeiros temas, nos quais os equipamentos e práticas de lazer — sejam estas representadas por encontros nos bares e quiosques ou por jogos improvisados à margem do rio —, traduzem o significado da orla, com a maioria das fotos não ultrapassando as proximidades da região do mirante, resultado semelhante ao do tema memória, com cerca de 50% dos registros situados na mesma região.

Quanto aos elementos mais significativos, fotografados de forma isolada, que apareceram em quase todos os temas, destacam-se: os bares, o Bar Mangaba, o Bar Beira Rio, o Mirante e as antigas fábricas. Esses elementos podem ser traduzidos como de referência urbana, marcos orientadores da vida na orla e que assumem diversos valores, a depender do enfoque investigado.

Vale salientar que a maioria dos registros fotográficos fez referência a outro elemento, o Rio São Francisco, que, mesmo flagrado em abordagens distintas, permeou todos os temas propostos, revelando o valor de forte significância para o imaginário da população local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que os dois métodos empregados proporcionaram uma leitura da imagem e dos significados urbanos, e que mesmo com as devidas adequações à realidade da área objeto de pesquisa, prestaram-se ao alcance dos objetivos propostos.

Os métodos empregados apresentam substanciais diferenças, de forma que fazer uma comparação entre eles pode representar uma abordagem limitadora a respeito das possibilidades de cada um.

Os habitantes usuários da orla ribeirinha de Propriá possuem uma imagem limitada, forjada, desta área; tal visibilidade foi construída a partir de elementos implantados em períodos e por projetos distintos ao longo do tempo, que reduziram maiores ou diferentes possibilidades de apropriação do local pelos habitantes da cidade.

A orla abriga em seus espaços potencialidades que, devidamente exploradas, podem resultar em uma reconfiguração de toda a dinâmica urbana. Assim, a leitura da imagem urbana configura um dos instrumentos — mas não o único —, de interpretação do ambiente e ferramenta para a construção da sustentabilidade desse território. Com base nos resultados obtidos neste estudo, faz-se mister apresentar as diretrizes expostas a seguir:

- A pesquisa aponta para um desdobramento com a aplicação de outras metodologias complementares, a exemplo da Conservação Urbana Integrada, método desenvolvido pelo Centro de Estudos Avançados na Conservação Integrada, com sede em Olinda (PE), que poderá complementar o quadro investigativo da realidade urbana com a inclusão de bens imóveis em listas de proteção e tombamento;

- Os planos ou projetos devem partir de premissas abertas, que permitam constantemente serem testados, avaliados e flexíveis a mudanças, valorizando aspectos sociais e culturais do lugar;

- Ao se identificar elementos pontuais de extremo valor ambiental e/ou paisagístico, como é o caso do Rio São Francisco, estes devem ser alvo de estudos específicos e merecem uma tutela por parte da sociedade envolvida;

- Por fim, as manifestações populares tradicionais, os encontros, brincadeiras, as atividades tradicionais de trabalho, tudo que reforce os laços de sociabilidade, deve ser encarado como bem intangível e, portanto, constituinte de uma cultura imaterial.

NOTAS

1. O resultado da revitalização de áreas históricas, deterioradas e obsoletas, que leva as áreas a passarem por um processo de valorização das propriedades imobiliárias, atraindo usuários que pagam rendas mais altas (Lapa & Zancheti, 2002).

2. Município do Estado de Sergipe, distante da capital cerca de 90km, localizado às margens do Rio São Francisco, divisa com o Estado de Alagoas.
3. Método de Análise Imagética apresentado por Kevin Lynch e Método Semiótico de Percepção Ambiental apresentado por Lucrecia D'Alessio Ferrara.
4. Temas em torno de uma estética da cidade, tais como saúde, saneamento, espaços livres vegetados, praças etc. (Zancheti, 2002, p.82).
5. Apresenta-se uma classificação, baseada em Ferrara (1999), para o estudo das imagens geradas: quanto ao enfoque — podem ser diretas (apreensão documental, plana e imediata) ou indiretas (com a mediação de outros elementos, difusa, com enfoques múltiplos); quanto aos objetos ou a forma — podem ser narrativas (a imagem do tema aparece dissolvida na ação de personagens que dinamizam o cenário) ou descritivas (os objetos são fotografados imediatamente).

REFERÊNCIAS

- CARLOS, A.F.A. *O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2004.
- CARNEIRO, A.R.S.; MILET, V. Métodos de análise dos bens imateriais e método de leitura da imagem de uma área urbana para sua reabilitação. In: ZANCHETI, S.M. (Org.). *Gestão do patrimônio cultural integrado*. Recife: UFPE, 2002. p.153-156.
- FERRARA, L.D. *Olhar periférico*. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1999.
- KOHLSDORF, M.E. *A apreensão da forma da cidade*. Brasília: UnB, 1996.
- LAPA, T.; ZANCHETI, S.M. Conservação integrada urbana e territorial. In: ZANCHETI, S.M. (Org.). *Gestão do patrimônio cultural integrado*. Recife: UFPE, 2002. p.31-36.
- LEITE, R.P. *Contra-usos da cidade: lugares e espaços públicos na experiência urbana contemporânea*. Campinas: Unicamp, 2004.
- LYNCH, K. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 1990.
- ZANCHETI, S.M. O desenvolvimento sustentável urbano. In: ZANCHETI, S.M. (Org.). *Gestão do patrimônio cultural integrado*. Recife: UFPE, 2002. p.79-83.

GIVALDO BARBOSA DA SILVA Universidade Federal de Sergipe | Núcleo de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente | Av. Marechal Rondon, s/n., Jardim Rosa Elze, 49000-100, São Cristóvão, SE, Brasil | Correspondência para/Correspondence to: G.B. SILVA | E-mail: <giva_arq@uol.com.br>.

ANTONIO CARLOS DOS SANTOS Universidade Federal de Sergipe | Núcleo de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente e do Mestrado em Filosofia | São Cristóvão, SE, Brasil.

Recebido em
29/4/2013,
reapresentado em
16/7/2013 e aceito
para publicação em
24/9/2013.